

DVD  
Material  
Educativo  
para  
Professor  
Propositor

**TELA S/ TINTA**  
(GERAÇÃO 80)



DVDteca

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

Tela s/ tinta: Geração 80 / Instituto Arte na Escola ; autoria de Christiane Coutinho e Erick Orloski ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006.

(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 56)

Foco: SE-18/2006 Saberes Estéticos e Culturais

Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia

ISBN 85-98009-60-1

1. Artes - Estudo e ensino 2. Arte contemporânea - Brasil 3. Pintura I. Coutinho, Christiane II. Orloski, Erick III. Martins, Mirian Celeste IV. Picosque, Gisa V. Título VI. Série

CDD-700.7

 **Créditos**

**MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA**

**Organização:** Instituto Arte na Escola

**Coordenação:** Mirian Celeste Martins  
Gisa Picosque

**Projeto gráfico e direção de arte:** Oliva Teles Comunicação

**MAPA RIZOMÁTICO**

**Copyright:** Instituto Arte na Escola

**Concepção:** Mirian Celeste Martins  
Gisa Picosque

**Concepção gráfica:** Bia Fioretti

**TELA S/ TINTA (Geração 80)**

**Copyright:** Instituto Arte na Escola

**Autores deste material:** Christiane Coutinho e Erick Orloski

**Revisão de textos:** Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

**Diagramação e arte final:** Jorge Monge

**Autorização de imagens:** Ludmilla Picosque Baltazar

**Fotolito, impressão e acabamento:** Indusplan Express

**Tiragem:** 200 exemplares

## DVD

TELA S/ TINTA (GERAÇÃO 80)

## Ficha técnica

**Gênero:** Documentário a partir de depoimentos de diversos artistas e personalidades envolvidos no cenário de arte.

**Palavras-chave:** Arte contemporânea; geração 80; estética do cotidiano; história do Brasil; pintura; poética do efêmero; diálogo com a matéria; atitude lúdica.

**Foco:** **Saberes Estéticos e Culturais.**

**Tema:** A produção e os artistas plásticos que participaram da exposição *Como vai você, Geração 80?*

**Artistas abordados:** Leonilson, Nuno Ramos, Rodrigo Andrade, Carlito Carvalhosa, Leda Catunda, Beatriz Milhazes, Daniel Senise, entre muitos outros.

**Indicação:** Ensino Médio.

**Direção:** Malu de Martino.

**Realização/Produção:** Burgos Productions, São Paulo.

**Ano de produção:** 1985.

**Duração:** 30'.

## Sinopse

O documentário apresenta a geração de artistas que iniciaram ou potencializaram sua produção na década de 80. Isto se faz por meio de depoimentos dos artistas que participaram da exposição intitulada *Como vai você, Geração 80?* e pela própria linguagem estética do documentário, composta por imagens e trilha sonora próprias dessa década. Leonilson, Leda Catunda, Nuno Ramos e Beatriz Milhazes são alguns dos artistas que contribuem com seus depoimentos sobre o que entendem por arte e sobre seus processos de criação. O curador Paulo Herkenhoff e o *marchand* e galerista Thomas Cohn também expressam suas opiniões sobre a importância da produ-

ção desses jovens artistas que trouxeram inovação e vivacidade ao cenário artístico do período.

## Trama inventiva

Há saberes em arte que são como estrelas para aclarar o caminho de um território que se quer conhecer. Na cartografia, para pensar-sentir sobre uma obra ou artista, as ferramentas são como lentes: lente microscópica, para chegar pertinho da visualidade, dos signos e códigos da linguagem da arte, ou lente telescópica para o olhar ampliado sobre a experiência estética e estésica das práticas culturais, ou, ainda, lente com zoom que vai se abrindo na história da arte, passando pela estética e filosofia em associações com outros campos de saberes. Por assim dizer, neste documentário, tudo parece se deixar ver pela luz intermitente de um vaga-lume a brilhar no território dos **Saberes Estéticos e Culturais**.

## O passeio da câmera

A tela é uma tela de tv? Hino nacional dos artistas plásticos? Seres humanos com antenas? Como uma colagem de imagens, o documentário caminha por entre marcas visuais dos anos 80, tanto pela estética adotada, quanto pela temática. As imagens se sucedem com depoimentos, obras e alguns pequenos trechos em que, desfocadas, fazem breves cortes, parecendo revelar o espírito da época, quando as cores das telas competem com as da tv.

O documentário, ao mostrar alguns artistas falando sobre seu processo de criação, mostra que, na exposição que acabou por nomear esses artistas, a liberdade de explorar todas as linguagens foi evidenciada. Em alguns casos, parece que, naquele momento, os artistas trabalhavam como uma diversão. A atitude lúdica e o humor pareciam matizar as dificuldades que enfrentavam.

O enquadramento de artistas e obras em determinados períodos, “ismos” ou estilos é uma preocupação ainda presente, mesmo em relação à arte contemporânea. Mas, assim como

ocorreu em outros momentos, essa geração não se caracterizou como uma corrente e sim como um momento de descobertas e investigações partindo de diversas linguagens e estilos.

Debruçando-nos sobre a história do Brasil, podemos perceber que a Geração 80 foi um marco para a arte brasileira por ser um reflexo do momento político que estava sendo vivido ou superado, já que se trata da pós-ditadura.

Enfim, o documentário traz uma série de potencialidades para o trabalho em sala de aula, partindo do território dos **Saberes Estéticos e Culturais**, focalizando especialmente a arte contemporânea, a estética do cotidiano, o artista e a sociedade.

Como mostra o mapa, existem muitas possibilidades de ramificações que, como num rizoma, provocam articulação com outros territórios: *Linguagens Artísticas*, pintura, objeto, escultura, o rock brasileiro; *Processo de Criação*, o diálogo com a matéria, a ação pictórica, a atitude lúdica, as poéticas visuais, a vivência com outros artistas; *Materialidade*, a poética do efêmero, a pesquisa de materiais, os grandes formatos, a subversão dos usos, a experimentação; *Conexões Transdisciplinares*, política, ditadura, história do Brasil; *Mediação Cultural*, o artista, o curador, o crítico de arte, o *marchand*, o professor, além dos espaços sociais do saber.

## Sobre a Geração 80

Evidentemente que a mostra não visava consagrar uma tendência, uma linguagem, tanto que ela tinha desde artistas ligados à pintura energética, à transvanguarda até pintores construtivos. Havia pintura, escultura, cerâmica, gravura, portanto não se pode falar de geração 80, no momento da exposição, como uma escola, uma tendência, um grupo, enfim, uma característica marcada, mas justamente o que ela tinha para se valorizar era uma explosão de uma pluralidade.

Paulo Herkenhoff

O termo Geração 80 surge por ocasião da exposição realizada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage<sup>1</sup>, no Rio de Janeiro, em julho de 1984: *Como vai você, Geração 80?*. A mostra agrupa diversos artistas jovens originários de diversos estados do país,

que têm em comum, na sua maioria, o fato de pertencerem à mesma geração. Como diz Fábio Miguez, logo no início do documentário, “todos nasceram na década de 60.”

“Para mim, arte é super arte”, diz Ricardo Basbaum, no fechamento do documentário. Super? Superação? Superar-te? A explosão da pluralidade, da multiplicidade de sentidos e a inovação são marcas importantes do grupo que carrega o nome de Geração 80. Como diz Rodrigo Andrade no documentário: “Eu acho que ficou depois um rótulo que era para dar nome a um espírito novo na arte”. Embora esse período apresente características particulares, como o retorno à pintura, o uso mais informal da linguagem, a temática voltada para o cotidiano, não são estabelecidos parâmetros coletivos, conforme diz Daniel Senise<sup>2</sup>. Não se criam manifestos, comuns às vanguardas modernistas, mas buscam mostrar as pesquisas individuais ou coletivas e expor experimentações e pensamentos. Ainda que despretensiosamente, tornam-se um marco para a arte brasileira.

**Muitas são as linguagens e tendências apresentadas na mostra, que envolve 123 artistas, sem a presunção de se tornar um movimento ou escola artística, embora a grande novidade seja justamente o retorno da pintura, uma linguagem que sofreu certa desvalorização já que a quebra de suporte, dos limites de uma tela, marcou uma tendência contemporânea.**

O cenário histórico na década de 80 – período de abertura política na história do Brasil – evidencia um país recém saído de uma ditadura. Um país que tenta abrir caminhos para a democracia, com o movimento das Diretas Já. Para Ricardo Basbaum<sup>3</sup>:

Este fato novo gerado pelas Diretas Já, a carnavalização da política e da própria cultura, uma reação a toda forma de autoritarismo, seja ele político ou cultural. (...) *Diretas Já*, Geração 80, a resposta é a mesma: a luta contra toda forma de autoritarismo.

Essa liberdade está refletida na produção cultural, não só nas artes plásticas, mas em outras linguagens. Na música, por exemplo, a década de 80 é marcada pelo surgimento e valorização de bandas brasileiras de rock, cantando em português, formadas por jovens que buscam uma identidade brasileira:

O rock verde-amarelo mostra sua cara nesta década, com a formação de bandas como *Paralamas do Sucesso*, *Titãs*, *Legião Urbana*, *Barão Vermelho*, *Ira!*, *Capital Inicial* e *Kid Abelha*. Com estilos variados, estes grupos têm em comum o fato de fazerem a crônica de uma juventude urbana, com suas descobertas, suas decepções, seus (des)encontros amorosos, seu derramamento exagerado, sua sexualidade discutida às claras, com letras que afirmam, sem meias palavras, ser possível gostar de meninos e meninas.<sup>4</sup>

Além dessa liberdade e, conseqüentemente, diversidade nas produções artísticas, a Geração 80 também conta com transformações no meio comercial das artes. A sua produção é assimilada rapidamente pelo mercado de arte e isso é um reflexo da mudança de pensamento dos compradores que buscam inovações. Leonilson, no documentário, fala: “O dinheiro está mudando de mão. Antes eram banqueiros, hoje são os filhos dos banqueiros que compram obras de arte”.

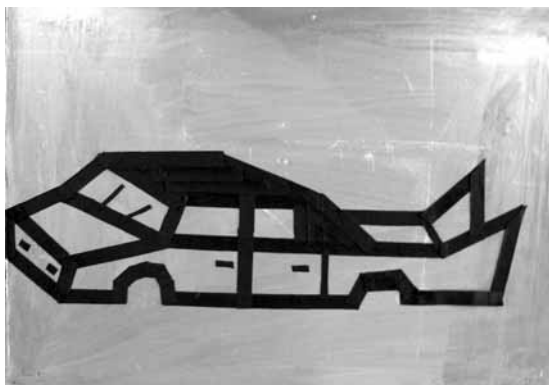
Vinte anos depois da exposição *Como vai você, Geração 80?*, outras duas importantes exposições são realizadas nos dois principais pólos culturais do Brasil: *Onde está você, Geração 80?*, no Centro Cultural Banco do Brasil/RJ, e *2080*, no Museu de Arte Moderna/SP<sup>5</sup>. Essas duas exposições ressaltam a importância da primeira, que deixou como herança para as gerações futuras um legado de experimentações, que culminaria na diversidade levada ao extremo dos anos 2000.

**A divulgação de seus trabalhos, a projeção nacional e internacional pela presença em exposições importantes, a valorização do mercado da arte em plena expansão, a oxigenação de idéias artísticas, a íntima relação com o cotidiano tornam o pensar sobre as idéias da geração 80 um espaço de estudo sobre a arte contemporânea brasileira.**



## Os olhos da arte

...apesar da ênfase atual que se dá à pintura, todas as categorias foram para o beleléu ou se mesclam, e o jovem artista dos anos 80 não se sente absolutamente comprometido com temas, estilos, suportes ou tendências. Joga pro alto qualquer coerência. A pintura voltou a ser um vale tudo. Breton dizia que a função da arte era desarrumar o cotidiano. Hoje, o importante é desarrumar a própria arte, sua história.



**Leonilson** *Carro invisível*, 1982 -  
Fita preta colada  
sobre tinta metálica  
sobre tela, 49,7 x  
70,7 cm



**Beatriz Milhazes** - *Sem título*, 1984  
Acrílica sobre tela,  
130 x 220 cm

As colunas gregas de Beatriz Milhazes ou as de Ester Grinspum não são tributo à história da arte. Como outros artistas participantes da exposição *Como vai você, Geração 80?*, elas viram a história da arte de cabeça para baixo, retirando as fronteiras, deslocando territórios, penetrando por ângulos inusitados na linguagem da arte. Como reação a uma arte elitista, hermética e purista dos anos 70, os anos 80 trazem um retorno do artista à própria subjetividade.

Essa constatação do curador e crítico Frederico Moraes<sup>7</sup> é exemplificada pela intensificação do gesto e da cor, pela individualidade desvelada, pela liberação da fantasia aflorada, pela singularidade do universo da arte, já que não se interessam pelo



futuro ou em criar obras para a eternidade dos museus. Voltados para o momento presente, eles investem nos materiais precários, saem às ruas para buscar materiais, são esponjosos à estética do cotidiano que invade as obras. A experiência da vida alimenta a obra que sonha retornar à vida, na comunicação desejada com o outro, no diálogo com o público.

**Como cronistas de seu tempo, temas como a sexualidade, a vida urbana, os elementos da cultura de massa, a estética do cotidiano, os ícones da história da arte e a cultura popular se mesclam, sem hierarquias elitistas.**

As produções dos jovens artistas refletem a pesquisa da materialidade com inovações tanto nos materiais, como nos procedimentos técnicos da pintura presentes nos grandes formatos. Como diz o poeta e músico Arnaldo Antunes<sup>8</sup> – “O corpo tem alguém como recheio” – e é esse “corpo gente” que quer se expressar livremente, ludicamente.

As pinturas de grandes formatos usam o corpo inteiro como ferramenta. E parecem buscar a aproximação com um outro corpo, o do espectador, que é envolvido por estas obras monumentais através do olhar e da aproximação destas peças com a arquitetura. Outra questão importante para o período é a presença do corpo como matéria construtiva de cada peça – a transformação da pintura, ela mesma, num corpo. Isso acontece pela sobreposição de camadas e mais camadas de tinta (Jorge Guinle, Fernando Lucchesi) ou de imagens decalcadas sobre a superfície da tela (Beatriz Milhazes), mas também pela utilização de suportes diferentes da tela esticada sobre o *chassis*, como lençóis e fronhas bordados (Leonilson), casacos, cobertores e formas estufadas (Leda Catunda) ou até carros (Romagnolo) e móveis inteiros pintados (Flemming).<sup>9</sup>

Luiz Áquila<sup>10</sup>, artista e professor da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, comenta no documentário o que é ser pintor. O “país em estado plástico” abre as portas para as subjetividades desses artistas. Frederico Moraes<sup>11</sup> levanta possíveis tendências, como a valorização do:

*gesto* (Ana Horta, Guinle, Alexandre Dacosta, Barrão, Basbaum, Elizabeth Jobim, Jacquemont), figuração livre (Angelo Marzano, Daniel Senise, Umberto França, Luiz Pizarro, Sergio Romagnolo, Ciro Cozzolino, Leonilson), *grafitti* (Matuck, Zaidler), *art-door* (Eduardo Kac), miniaturas (Jeanete Musatti), grande formato (quase todos), ausência de chassis e molduras (idem), história da arte (Ester

Grinspum, Jorge Duarte), cor (Claudio Fonseca), construção (Gerardo Vilaseca) *pattern* (Leda Catunda, Berredo), *performance* (o “mágico” de Brasília), instalações (Ricardo Sepúlveda), novos materiais (Berredo, Maurício Bentes, Paulo Paes), etc.

Muitas das pesquisas artísticas e estéticas iniciadas ali continuam ou se transformam nas produções desses artistas que se seguiram, e se destacam na produção nacional, ganhando também projeção internacional.

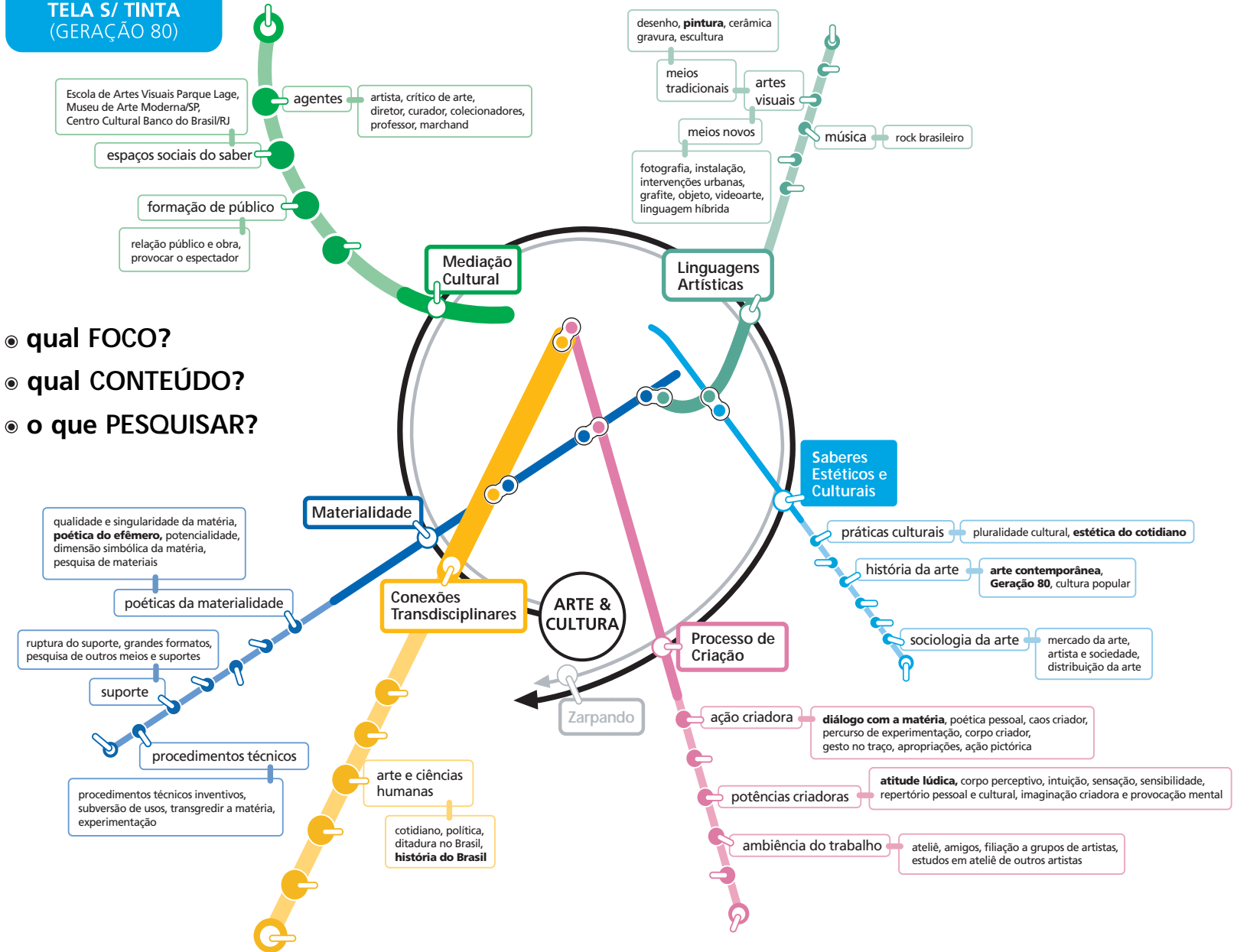
Para Marcus de Lontra Costa<sup>12</sup>, idealizador da mostra original e curador da exposição que comemora os 20 anos daquela primeira, **“esses artistas trouxeram para a arte a *praxis* como fundamento da expressão artística. Daí a volta à pintura. Não se queria apenas pensar o mundo, mas fazê-lo”**. Uma arte menos cerebral, livre e bem humorada convoca também olhos menos racionais e mais à flor da pele.

## O passeio dos olhos do professor

O planejamento é uma importante etapa num projeto pedagógico, pois se trata do momento em que as propostas surgem e começam a tomar forma. O documentário pode suscitar diversos questionamentos e possibilidades de trabalho, por isso sugerimos que você inicie um diário de bordo, ou seja, um caderno de anotações, que acompanhará você durante todo o projeto, registrando idéias e soluções. Visando ajudá-lo a olhar mais atentamente para algumas questões, sugerimos uma pauta do olhar:

- O documentário possui uma estética de vídeo amador, com depoimentos e imagens pouco produzidas. O que isso desperta em você?
- O que revela o discurso dos artistas?
- Quais são os artistas que você conhece ou já ouviu falar?
- Em quais momentos o espírito da época parece mais presente?
- Como você vê a atuação dos *marchands* nesse período de produção artística?

**Mapa potencial**  
**TELA S/ TINTA**  
(GERAÇÃO 80)



- qual FOCO?
- qual CONTEÚDO?
- o que PESQUISAR?

- O documentário lhe faz outras perguntas? Quais?
- Como o documentário é longo, como você o mostraria aos alunos? Selecionaria alguns depoimentos e obras?
- Quais os questionamentos suscitados pelo documentário você acredita serem pertinentes no trabalho com seus alunos? Por quê?

Após assistir ao documentário, reveja suas anotações do diário de bordo, pois elas revelam a sua percepção sobre o que foi visto. Quais idéias surgiram? Como é possível colocá-las em prática? Por que seriam relevantes que fossem trabalhadas com os alunos? E como torná-las instigantes?



## Percursos com desafios estéticos

Ao alocarmos o documentário no território dos **Saberes Estéticos e Culturais**, optamos por um caminho a ser pesquisado e sugerimos algumas possibilidades de trabalho. No entanto, conhecendo seus alunos, você pode optar por ampliar ou transformar essas sugestões, focando as questões que você considerar mais pertinentes e/ou interessantes ao perfil e inquietações de sua turma.



## O passeio dos olhos dos alunos


Algumas possibilidades:

- O documentário apresenta uma estrutura de entrevistas, onde cada participante fornece uma breve contribuição sobre o que pensa da arte na década de 80. Essa estrutura pode ser incorporada nas primeiras atividades do projeto, por meio de um convite a uma enquete a ser realizada pelos alunos com pessoas nascidas na década de 60, ou seja, pessoas que viveram com a jovem Geração 80. Através da conversa com essas pessoas, os alunos podem investigar melhor como era a vida nessa década. Os entrevistados podem também

ampliar as questões com fotografias, objetos, discos e outras contribuições possíveis. Para que haja uma unidade e um foco nas entrevistas, você pode elaborar um roteiro com os alunos, cercando questões que tragam à tona a memória da década de 80, abordando, por exemplo, as músicas, as novelas, a moda, o cenário político, os filmes, as obras e as exposições daquele período. Uma boa conversa sobre as primeiras entrevistas pode ser ampliada com a exibição de parte do documentário, e depois aprofundada buscando novos entrevistados.

- O documentário apresenta uma série de artistas que produziram intensamente na década de 80, e alguns têm tido maiores destaques nesta década atual. Selecione algumas obras atuais de artistas como Daniel Senise, Jorge Guinle e Luiz Zerbini que aparecem em seqüência no documentário, ou de outros, como Nuno Ramos, Leonilson, Leda Catunda<sup>13</sup>. A leitura de algumas obras mais recentes pode gerar questões: como iniciaram suas carreiras artísticas? O que fizeram no passado? A projeção do trecho do documentário com as falas de Senise, Guinle e Zerbini podem prepará-los para um novo projeto.
- Com os alunos preparados para fazerem anotações, pode-se projetar os depoimentos no final do documentário com as falas de Carlito Carvalhosa, de Sheila Leirner, Paulo Monteiro, Tunga, Cláudio Fonseca e Ricardo Basbaum. Reunidos em subgrupos, os alunos podem trocar impressões e questionamentos sobre o que viram e escutaram, elaborando um mapa com as palavras-chave que foram importantes para eles. A exposição desses mapas certamente provocará uma boa conversa sobre a Geração 80. O que os alunos gostariam de saber mais?

Essas são apenas algumas das inúmeras possibilidades para iniciar um projeto a partir do documentário. Essas situações de aprendizagem podem se constituir como uma avaliação iniciante para visualizar os interesses do seu grupo de alunos. Como tornar essas questões ainda mais instigantes?



## Desvelando a poética pessoal

Perceber a estética pessoal, aguçar o olhar para perceber seu próprio processo de criação são os desafios que podem ser provocados pelo documentário. Leda Catunda comenta que algumas de suas criações são frutos da perseguição de uma idéia que surge e precisa ser materializada. Jorge Guinle evidencia a disponibilidade para o inesperado durante o fazer. Para Leonilson, “quanto mais caótica é a situação, melhor para as pessoas que sabem pensar. Claro que não é um caos abominável, mas é um caos.”

O pensamento desses artistas, a atitude lúdica e menos cerebral, a gestualidade do corpo exposta nos grandes formatos, a apropriação de imagens da história da arte, da cultura de massa podem impulsionar a escolha dos alunos para a produção de uma série de trabalhos.

- Exploração de gestos amplos. Os alunos que escolherem esse desafio podem experimentar gestos amplos e livres no ar, movendo todo o corpo. Traçá-los no chão ou mesmo no quadro negro. Essas experimentações devem ser fotografadas, como registro de performances expressivas.
- Pinturas gestuais. Para iniciar, os alunos podem encontrar grandes caixas de papelão, cortando-as de modo exploratório. Cada aluno deve ter uma série de formas para as suas pinturas gestuais, as maiores possíveis. Depois é preciso pintá-las de branco como uma base para o trabalho. Sugerimos utilizar tinta branca de pva para pintura de parede, por ser mais econômica. Com a base pronta, os alunos podem iniciar a pintura com brochas, pincéis largos e mesmo pequenos rolos, com a mesma tinta, agora colorida com pigmentos (pó xadrez ou similares). O importante é que percebam as possibilidades da superposição e permitam a liberdade do gesto.
- Objetos recriados. Retirados da cultura de massa, recolhidos como sucata ou resíduos industriais, podem servir de base para criações que exponham o pensar dos alunos sobre a vida cotidiana, como cronistas da atualidade.

O acompanhamento desses trabalhos em série, alimentando-os com novas idéias, problematizando, ajudando nas resoluções técnicas é importante, preparando para uma mostra final. O contar dos processos vividos, das mudanças de rota, do inesperado, do acaso e do efêmero pode acompanhar os trabalhos plásticos, tanto no relato oral, como na criação de textos poéticos ou narrativos.

## Ampliando o olhar

- O que é pintura? Quais as diferenças entre uma pintura clássica, uma modernista e uma produzida por algum artista da Geração 80? Olhar pinturas pode ampliar o olhar para ver a história da arte por ângulos muito diversos. Por exemplo: qual a maior pintura que já viram? Qual a maior pintura que está presente no livro da disciplina de história<sup>14</sup>?
- No documentário, Luiz Pizarro diz que gosta de escutar rock enquanto pinta. Ver esse trecho do documentário novamente e lembrar da música dos *Titãs* que foi sucesso nos anos 80 – “A gente não quer só comida. A gente quer comida, diversão e arte” pode gerar novos desafios estéticos. Cada grupo de alunos poderia selecionar a música predileta e trazer para a classe para que servisse de fundo musical enquanto pintam. As músicas desencadeariam produções diferentes? Quais as diferenças? Por quê?
- É possível percebermos o processo pelo qual o artista viveu ao produzir a obra, observando atentamente sua produção? No documentário, diversos artistas falam sobre seus processos de criação, no entanto, talvez em virtude de uma quantidade grande de entrevistados, muitas vezes suas produções não são suficientemente mostradas. Você pode pesquisar as produções de alguns desses artistas e projetar a cena do documentário referente a ele, provocando também a leitura de alguns de seus trabalhos. Ou, dependendo da turma, os alunos podem escolher os artistas que mais chamaram a atenção no documentário e pesquisar

obras atuais, buscando perceber o que foi falado pelo artista e o que produziu.

- © No ano 2000, não apenas as artes visuais têm revisitado a década de 80, mas também a música, a publicidade, a televisão e a cultura de massa de uma maneira geral. Ícones de uma cultura pop daquele período, e também do chamado mundo “*brega*”<sup>15</sup>, como as músicas cantadas por Sidney Magal, estão sendo revistos por uma geração que não viveu esse momento. Muitas imagens e objetos tornaram-se símbolos desse período. Os alunos podem potencializar a pesquisa sobre as artes visuais do período percorrendo também esse universo imagético que inclui o design e a cultura visual em sua amplitude.
- © A exposição *Como vai você, Geração 80?* nos mostrou a força da juventude: sem pretensão de ser um movimento, mas tentando viver de seu próprio trabalho, a geração 80 foi uma forma de comunicação dos jovens artistas que buscaram amadurecer seu pensamento crítico e ampliar as suas formações, através do estudo conjunto e da troca de experiências. Houve nesse momento uma retomada de um estilo de vida artístico muito comum no período modernista, ou mesmo no passado mais longínquo, quando os artistas se reuniam em grupo para estudar juntos. Você pode perguntar: e a sua geração, como vai? Quais atitudes os alunos têm percebido nos jovens de hoje? Há movimentos para melhorar a vida coletiva e a formação? Quais exemplos de atitudes juvenis eles conhecem? Como a geração 2000 tem lidado com os acontecimentos políticos recentes? Quais semelhanças e diferenças podemos perceber entre essas duas gerações (de 80 e de 2000)?
- © A divulgação das obras de um artista, assim como a sua inserção no mercado, pode acontecer a partir de concursos, salões e projetos realizados por museus e instituições culturais. Através dessas iniciativas, que são uma importante porta de entrada, os jovens artistas conseguem se inserir no cenário da arte. Na sua região, há esse tipo de prática



cultural? Há espaços para mostrar os trabalhos também dos alunos? Um olhar sobre essas questões pode incentivar a criação de mostras de alunos de toda a região, com todo o cuidado nos conceitos que podem fundamentá-los.

## **Conhecendo pela pesquisa**

- A materialidade é uma das buscas estéticas dos artistas da Geração 80. Que obras você poderia levar para provocar a leitura dos alunos? Ou que materiais você poderia levar para provocá-los em um fazer experimental?
- Para melhor compreender o que foi a década de 80, é preciso revê-la como consequência de um período anterior de muitos acontecimentos políticos que refletiram na forma de vida da população. No início da década de 80, o Brasil vivenciou uma experiência marcante com o movimento das Diretas já e passou por um período de euforia e adaptação à democracia que se instalava. Mas por que ocorreram esses acontecimentos? Como as pessoas viviam antes? Você pode propor uma discussão sobre o assunto, com a parceria do professor de história, partindo de reportagens de jornais da época que podem ser coletadas em livros didáticos de história ou na internet. Problematicize o assunto, juntando à discussão parte do documentário, buscando entender as raízes da década de 80 no Brasil.
- Não é preciso estudar a história da arte de forma linear. É possível, a partir de um tema, estabelecer interfaces que podem reunir elementos da pré-história até a arte contemporânea. Um exemplo é a obra do pintor Hyeronimus Bosch, cronologicamente um renascentista, mas com profundas conexões estéticas com o surrealismo, movimento do início do século 20. Para um melhor entendimento de um determinado movimento, obra e/ou artista, é fundamental o conhecimento dos antecedentes que contribuíram para sua formação. Pesquisar os antecedentes da geração dos anos 80 no

universo da arte brasileira, bem como a influência desta geração nas décadas seguintes, pode ampliar a percepção dessas transformações e a compreensão do cenário múltiplo e híbrido da arte contemporânea brasileira e mundial.

- A questão do mercado de arte aparece fortemente no documentário, através dos *marchands* e galeristas e também das próprias falas dos artistas que colocam a valorização financeira de um trabalho, que, assim como outras profissões, tem de ser remunerado. Essa comercialização de arte acontece especialmente através das galerias. Na sua cidade há uma galeria? Quais as relações estabelecidas entre os artistas e a galeria? O que os alunos podem perceber a partir dessas relações?
- O documentário não apenas aborda os anos 80, como foi realizado na década em questão, fazendo uso da tecnologia e linguagem do vídeo própria do período. Embora a chamada vídeo-arte tenha seus primórdios desde a década de 60, é apenas nos anos 80 que esta tecnologia se populariza, ao menos no Brasil, e os videocassete passam a ser eletrodomésticos presentes na vida cotidiana das famílias, inclusive das classes mais populares. Os alunos podem pesquisar as características da linguagem do vídeo, seu desenvolvimento tecnológico, a linguagem artística de mídia e, em especial, seu potencial como recurso didático. As pesquisas referentes ao audiovisual e educação desenvolvidas pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria F. de Rezende e Fusari, entre outras, podem ser bons pontos de referência.

### **Amarrações de sentidos: portfólio**

O documentário possui uma estética de vídeo amador. A escolha pelas entrevistas sucintas, mas pontuais, foi interessante porque traz em poucas palavras o que aquele momento representou para cada artista.

O portfólio também é um momento para que cada aluno expres-

se o que o projeto representou para ele. Você pode sugerir então que esse trabalho seja construído com o mesmo formato de entrevistas breves, que podem ser documentadas através de um vídeo ou de uma gravação de áudio, normalmente mais acessível. Alguns alunos podem ser os entrevistadores e outros serem os entrevistados. O importante é ressaltar a importância e os objetivos dessa etapa e fazer com que os alunos tenham liberdade para a elaboração do roteiro de entrevistas, mas não se percam entre as muitas possibilidades de questões, focalizando especialmente o projeto vivido a partir do documentário sobre a Geração 80.

## Valorizando a processualidade

A avaliação é um momento especial durante o processo, pois ela permite que haja uma reflexão sobre o que foi produtivo e o que precisa ser revisto para uma melhor ação pedagógica em projetos futuros. A exibição dos documentários (portfólio) produzidos pelos alunos pode estimular uma conversa de avaliação do que foi registrado e sobre o que foi vivido.

Além da avaliação dos alunos, é importante que você faça também uma auto-avaliação. Partindo das falas dos alunos e juntamente com as anotações de seu diário de bordo, avalie seu desempenho como educador. Os objetivos foram atingidos? O que pode ser melhorado? Quais idéias surgiram no percurso? Elas foram incorporadas ao projeto, ou serão desenvolvidas em projetos futuros? Que outros focos poderiam ser trabalhados para aprofundar questões aqui levantadas pelos alunos? O que a DVDteca poderia oferecer?

## Glossário

**Curadoria** – “designação genérica do processo de concepção, organização e montagem da exposição pública. Inclui todos os passos necessários à exposição de um acervo, quais sejam conceituação, documentação e seleção de acervo, produção de textos, publicações e planejamento da

disposição física dos objetos. Refere-se também ao cargo ou função exercida por aquele que é responsável por zelar pelo acervo de um museu." Fonte: <[www.revistamuseu.com.br/glossario/glos.asp](http://www.revistamuseu.com.br/glossario/glos.asp)>.

**Marchand** – “negociante que compra e/ou vende obras de arte, especialmente quadros”. Fonte: Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.

**Poética** – é a expressão de um gosto e um ideal específico de arte. A poética de um artista é sua maneira individual de expressão. Fonte: PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1984, p. 24-26.

## Bibliografia

CANTON, Katia. *Novíssima arte brasileira: um guia de tendências*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

COSTA, Cacilda Teixeira da. *Arte no Brasil 1950-2000: movimentos e meios*. São Paulo: Alameda, 2004.

FARIAS, Agnaldo. *Arte brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha, 2002.

LEIRNER, Sheila. *Arte e seu tempo*. São Paulo: Perspectiva: Secretaria de Estado da Cultura, 1991. (Debates, 237).

MORAIS, Frederico. Gute Nacht Herr Baselitz ou Hélio Oiticica onde está você? In: BASBAUM, Ricardo (org.). *Arte contemporânea: texturas, dicções, ficções, estratégias*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001, p. 224-230.

## Catálogos

*Anos 80: o palco da diversidade: Coleção Gilberto Chateaubriand*. São Paulo: SESI; Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna, 1995.

COSTA, Marcus de Lontra. *Onde está você, Geração 80?* Rio de Janeiro: CCBB, 2004. (Catálogo de exposição).

*2080. Textos*. São Paulo: Museu de Arte Moderna, 2004. (Publicação complementar ao catálogo da exposição).

## Seleção de endereços de artistas e sobre arte na rede internet

Os sites abaixo foram acessados em 01 ago. 2005.

GERAÇÃO 80. Disponível em: <[www.revistamuseu.com.br/galeria.asp?id=4413](http://www.revistamuseu.com.br/galeria.asp?id=4413)>.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[www.bb.com.br/appbb/portal/hs/anv/ger/Apresentacao.jsp](http://www.bb.com.br/appbb/portal/hs/anv/ger/Apresentacao.jsp)>.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[www.uol.com.br/tropico/emobras\\_6\\_1590\\_1.shl](http://www.uol.com.br/tropico/emobras_6_1590_1.shl)>.

LEONILSON. Disponível em: <[www.projetoleonilson.com.br/site.htm](http://www.projetoleonilson.com.br/site.htm)>.

## Notas

<sup>1</sup> A escola, que completa 30 anos em 2005, mantém-se como núcleo brasileiro de formação em artes visuais. Fonte: <[www.annamarianiemeyer.com.br/eventos.htm](http://www.annamarianiemeyer.com.br/eventos.htm)>. Acesso em 30 ago. 2005.

<sup>2</sup> Os caminhos da Geração 80. *Revista Simples - Sociedade Criativa*, n. 28, p. 126, out. 2004. Procure na DVDteca um documentário sobre o artista.

<sup>3</sup> Frederico MORAIS, *Gute Nacht Herr Baselitz ou Hélio Oiticica onde está você?* p.225-226.

<sup>4</sup> COSTA, Marcus de Lontra. *Onde está você, Geração 80?* p. 15.

<sup>5</sup> Na exposição *2080* as obras foram colocadas sobre painéis articuláveis que eram movidos em novas configurações a partir de discussões com o público. Segundo Lisette Lagnado, o museu “inova ao associar, no crédito da curadoria, o nome do crítico Felipe Chaimovich com o setor educativo do MAM. Mas é, simultaneamente, seu tendão de Aquiles.” Assim, a exposição não faz uma revisão crítica ou remonta a exposição original, diluindo a responsabilidade curatorial. O fato poderia gerar uma discussão sobre a questão da curadoria e do setor educativo em instituições culturais. Fonte: <[www.uol.com.br/tropico/emobras\\_6\\_1585\\_1.shl](http://www.uol.com.br/tropico/emobras_6_1585_1.shl)>.

<sup>6</sup> Frederico MORAIS, *Gute Nacht Herr Baselitz ou Hélio Oiticica onde está você?*, p. 227.

<sup>7</sup> *Op. cit.*, Frederico MORAIS, p. 225-226.

<sup>8</sup> ANTUNES, Arnaldo. *As coisas*. São Paulo: Iluminuras, 1997, p. 23.

<sup>9</sup> Marcus de Lontra COSTA, *Onde está você, Geração 80?* p. 17.

<sup>10</sup> Além de artista, Luiz Áquila tem presença ativa no cenário brasileiro. Participou de bienais em São Paulo e Veneza, foi professor da Universidade de Brasília, de 1968 a 1973, e da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, de 1978 a 1996, da qual foi diretor no período de 1988 a 1991.

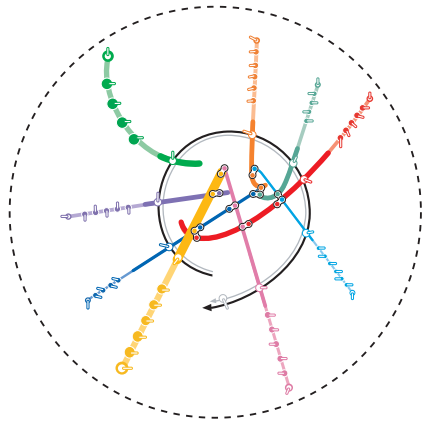
<sup>11</sup> Frederico MORAIS, *Gute Nacht Herr Baselitz ou Hélio Oiticica onde está você?*, p.226-227.

<sup>12</sup> Fonte: < <http://www.revistamuseu.com.br/galeria.asp?id=4413>>.

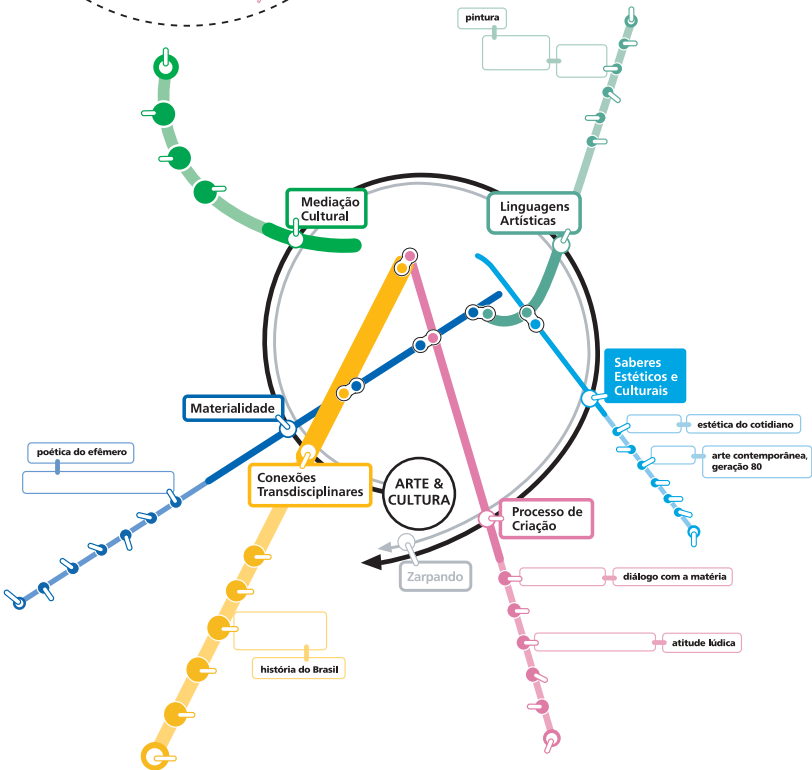
<sup>13</sup> Há muitos artistas que pertenceram à Geração 80 presentes na DVDteca.

<sup>14</sup> Nem sempre os alunos, e mesmo nós, professores, ficamos atentos aos tamanhos das obras frente às pequenas reproduções que vemos nos livros. Você sabia que *O grito do Ipiranga*, a famosa obra de Pedro Américo que está no Museu Paulista/SP mede 6, 56m x 4, 10m?

<sup>15</sup> Brega – o termo é regional e tem um caráter pejorativo, como adjetivo de mau gosto, sem refinamento, cafona. Fonte: Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Pode gerar pesquisa sobre as gírias de cada época.



**Mapa potencial**  
**TELA S/ TINTA**  
**(GERAÇÃO 80)**



**Patrocínio** **Organização**



[www.artenaescola.org.br](http://www.artenaescola.org.br)